

BOCAGE NO RIO

Rubem Braga

HOJE, não sei; mas no meu tempo de menino tudo que era verso de anedota pornográfica era atribuído a Bocage. A um tal ponto que até mesmo o nome do poeta tinha o ar de uma palavra feia; não era nome que se dissesse perto de môça. Só mais tarde vim a saber que Manuel Maria Hedoís du Bocage tinha sido também um poeta sério, quero dizer, um poeta de verdade, lírico, triste. Li então muitos de seus poemas e, embora lhe prefira, em sua época, o nosso bom Gonzaga — passei a respeitar o seu valor. Só há dois anos, entretanto, de passagem por Lisboa, comprei uma biografia do Bocage. Já tinha uma idéia de sua vida, mas não sabia que ele tinha estado no Rio.

Nascido em Setúbal, em 1765, Bocage aprendeu em casa as primeiras letras, depois estudou gramática e latim com um frade espanhol; aos 16 anos sentou praça na infantaria, aos 18 entrou para a Academia dos Guardas-Marinha de Lisboa, aos 20 e tanto foi nomeado guarda-marinha da Armada do Estado da Índia e para lá embarcou no dia 14 de abril de 1786. Sabemos que a 3 de setembro chegou a Moçambique e que nesse intervalo passou algumas semanas no Rio — em junho, com certeza.

Governava o Brasil Luís de Vasconcelos de Sousa, que recebeu muito bem o môço poeta. Este se hospedou em uma pousada muito decente na rua das Violas, perto da rua São Joaquim, no lugar chamado Ilha Sêca — confesso que não sei onde é. Freqüentou a sociedade e gostou da terra — e em versos que manda à sua grande paixão lisboeta, a môço Gertrudes, êle se gaba de que môças do Rio, «mil graças», queriam prendê-lo — «usuparte meus cultos presumiam» — mas pois sim, brasileirinhas, êsse rapazinho magro, de cara morena e comprida, boca pequena mas carnuda, nariz grande e olhos azuis, êsse já tinha dono — «mas a fé me acompanha, a fé me alenta e constância me dá, com que resista». Será verdade? O biógrafo, que é o Mário Domingues, duvida muito...

O fato é que o poeta versejou muito em nossa terra, e parece que levava a sério o nome da cidade, pois em dois poemas se exprime como vivesse mesmo à margem do rio chamado de Janeiro: «Lá na tépida margem do límpido janeiro...».

Em Goa, Bocage não se deu muito bem; gente da terra, inclusive portuguesas, conspirava contra o domínio lusitano. Inclusive padres — e um dêles era o padre José Custódio de Faria, que mais tarde, fugido do Pina Manique, em Paris, haveria de conhecer Alexandre Dumas e ser immortalizado por êle no «Conde de Monte Cristo», com o nome de Abade Faria. Era a «Conjuração dos Pintos», que precedeu a nossa Inconfidência Mineira e foi punida com mais fúria, pois nada menos de 15 réus, inclusive um capitão e dois tenentes, foram arrastados pelas ruas de Goa até a fôrça — Deus guarde a alma da sereíssima senhora D. Maria I!

De Goa foi o poeta para Damão, já tenente; desertou, andou uns tempos em Surrate apaixonado por uma senhora Manteigui de costumes ligeiros, foi mendigo em Cantão, deu com os ossos em Macau, onde amigos o socorreram e o mandaram de volta a Lisboa, isso já em 1790. Aí é que começa a grande fase boêmia do Bocage, dormindo em estalagens, conventos, trovando em cafés, tomando genebra, cantando em «outeiros» para as freiras que naquele tempo não raro, eram muito assanhadas. No meio de tudo isso fêz-se amigo e depois inimigo daquele mau caráter exemplar que era o padre José Agostinho de Macedo, entrou para a «Nova Arcádia», saiu, chorou à morte de Maria Antonieta mas depois começou a fazer poemas a favor da Liberdade e em louvor de Napoleão. É aí, quando o terrível Pina Manique quer lhe deitar a mão, que o poeta, já em seus 31 anos, se lembra de nosso bom Rio de Janeiro. Metete-se em um navio para fugir para o Rio, mas é tirado de bordo e levado para o cárcere.

Um ano de prisão, quase todo em mosteiro de frades inteligentes e amigos, haveria de fazer bem ao poeta, que depois disso arrumou melhor sua vida, morando com a irmã até aos 40 anos, quando morreu. Em sua existência atribulada e amarga o Rio ficou como um remanso de paz e de carinho.

M 537
Radi
1. 9. 62

25/8/66

145